

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Temática
Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020
Submetido em: 20/06/2020
Aprovado em: 07/08/2020

Narrativas de resistência da página #UERJResiste no Facebook em tempos de ódio às universidades públicas e à ciência

Narratives of resistance in the #UERJResiste Facebook page on hate times to the public university and the science

Narrativas de resistencia de la página #UERJResiste en Facebook en tiempos de odio a las universidades públicas y la ciencia

André Luís Cardoso TROPIANO¹
Neiva Vieira da CUNHA²

Resumo

Nos últimos anos, as mídias sociais se notabilizaram como uma arena pública (CEFAÏ, 2011, 2017a, 2017b) marcada por uma guerra cultural que tomou conta da agenda social sobretudo contra as Universidades Públicas. Neste artigo, vamos discutir sobre os desafios para a presença dos movimentos sociais nas mídias sociais principalmente no Facebook. Em especial, analisamos as narrativas construídas pelo movimento de defesa da Uerj por meio da página #UERJResiste no Facebook, no primeiro trimestre de 2017. Utilizamos uma metodologia antropológica centrada na descrição etnográfica (LAPLANTINE, 2014), em que emergiram quatro categorias, intituladas: políticas midiáticas, discurso do resistir, partilhas educativas e poéticas da identidade.

Palavras-chave: Movimentos Sociais em Rede. Arenas Públicas. Mídias Sociais. Etnografia. Universidade Pública.

Abstract

In recent years, social media has become known as a public arena (CEFAÏ, 2011, 2017a, 2017b) marked by a cultural war that has taken over the social agenda, especially against

¹ Relações Públicas e Jornalista. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (PPGECC/FEBF-UERJ). Membro do Núcleo de Estudos sobre Periferias (NEsPE/FEBF-UERJ). E-mail: andretropiano@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-5717-2733.

² Doutora em Antropologia pelo PPGSA/IFCS-UFRJ, Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DCFE/FEBF-UERJ) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/FEBF-UERJ), Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Periferias (NEsPE/FEBF-UERJ), Pesquisadora Associada do Laboratório de Etnografia Metropolitana/LeMetro/IFCS-UFRJ, do Centre d'Etudes des Mouvements Sociaux/CEMS e do Instituto Nacional de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT InEAC/UFF). E-mail: neivavieiradacunha@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9136-1546.

public universities. In this article, we will discuss the challenges of social movements to be present on social media mainly on Facebook. We analyzed the narratives constructed by the Uerj defense movement through the #UERJResiste page on Facebook, in the first quarter of 2017. We used an anthropological perspective centered on ethnographic description (LAPLANTINE, 2014), in which four categories emerged: media politics, discourses of resisting, educational shares, and poetics of identity.

Keywords: Networked Social Movements. Public Arenas. Social Media. Ethnographic. Public University.

Resumen

En los últimos años, las redes sociales se han convertido en una arena pública (CEFAÏ, 2011, 2017a, 2017b) marcada por una guerra cultural que se ha apoderado de la agenda social, especialmente contra las universidades públicas. En este artículo discutiremos sobre los desafíos para la presencia de movimientos sociales en las redes sociales principalmente en Facebook. En particular, analizamos las narrativas construidas por el movimiento de defensa de Uerj a través de la página #UERJResiste en Facebook, en el primer trimestre de 2017. Utilizamos una metodología antropológica centrada en la descripción etnográfica (LAPLANTINE, 2014), en la que surgieron cuatro categorías: políticas mediáticas, discursos do resistir, compartir educativo y poéticas de identidad.

Palabras clave: Movimientos Sociales em Red. Arenas Públicas. Etnografía. Universidade Pública.

Introdução

Estar ou não estar nas mídias sociais? Para além de ser uma escolha, estar nas mídias sociais é parte importante e fundamental da disputa narrativa que acontece na internet, como a possibilidade de uma arena pública (CEFAÏ, 2011, 2017a, 2017b). Porém, esse meio enquanto mediador privilegiado do sistema social ainda está à prova e precisa ser questionado e instigado a se constituir como espaço plural e democrático. Ainda carecem muitas ações, sobretudo no âmbito da proteção de dados e da privacidade, do tratamento da desinformação e dos discursos de ódio.

Ocupar as mídias sociais tornou-se estratégia primordial de existência dos movimentos sociais, que precisam se reinventar no uso dessas redes que reconfiguram o cotidiano e trazem novas formas de sociabilidade. Inseridos nesse cenário, os movimentos sociais em rede buscam mobilizar seus esforços para fomentar e equilibrar o debate público a seu favor (CASTELLS, 2017). Desta forma, pretendemos neste artigo refletir sobre a atuação página #UERJResiste no Facebook (figura 1), criada no ano de 2016, e

que se constituiu no ano de 2017 como importante bandeira em defesa da Universidade Pública do país.

Figura 1 – Página de #UERJResiste no Facebook



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Este artigo está dividido em duas partes: na primeira parte refletiremos sobre os desafios dos movimentos sociais em rede no Facebook, nessa perspectiva de uma Sociedade em Rede. Na segunda parte, buscaremos compreender o contexto em que surgiu o movimento em defesa da Uerj intitulado #UERJResiste, bem como sua caracterização como arena pública (CEFAÏ, 2017). Na terceira parte, analisaremos as narrativas construídas por meio de uma etnografia da página #UERJResiste no Facebook.

Disputar narrativas no Facebook

Atualmente normalizamos a existência de grandes corporações da internet, como o Facebook, que têm acesso fácil aos nossos dados, desde e-mail, telefone até números de documentos e cartões de crédito em prol de uma praticidade e de uma suposta liberdade. A reflexão proposta por diversos críticos da internet, como Andrew Keen (2012) e Eli Pariser (2012), atenta para a necessidade de observar o fenômeno com certa cautela, sobretudo com o crescimento dos monopólios empresariais que expandem seus domínios nas redes.

No momento em que questionamos a urgência de estar nas mídias sociais, observamos o avanço neoliberal e neoconservador tomar conta do que há tempos acreditávamos ser a terra da liberdade de expressão, um espaço para surgimento de

múltiplas vozes e da partilha dos conhecimentos. Mas nem tudo pode ser tão ruim, mesmo que não se mostre totalmente positivo. O desafio que enfrentamos no Brasil em relação à regulação dos meios de comunicação (rádio, TV e internet), ainda não possui um debate consolidado em torno das mídias sociais, que se tornaram grandes monopólios da atenção, da visibilidade, do consumo, da manipulação política em todo o mundo.

Google, Amazon, Facebook são exemplos dessas grandes corporações que se ramificam nos mais variados tipos de serviços sociais disponíveis *online*. Em tempos de web pragmática, as redes são mediadas pelo algoritmo que define o que buscamos de maneira personalizada e produz os filtros bolhas (Pariser, 2012). Conforme nos sugere Keen (2012), essa motivação social das corporações tem potencial para afetar a essência do ser humano quanto à autonomia, liberdade, consciência, personalidade e individualidade, gerando divisões e afastamentos entre as pessoas.

Esta discussão traz à luz algumas controvérsias do *Facebook* em relação à sua política de privacidade, propaganda e enquanto uma mídia, que precisa ser discutida e devidamente regulamentada. Destacamos que os aplicativos de Mark Zuckerberg estão entre os mais utilizados pelos brasileiros, o *WhatsApp, Instagram e Messenger*, além do próprio *Facebook*. Recentemente, vimos por meio do documentário da *Netflix*, *Privacidade Hackeada*³, lançado em 24 de julho de 2019, o caso da venda de dados dos usuários realizada pelo *Facebook* à empresa *Cambridge Analytics*. Esses dados foram utilizados para influenciar as eleições em democracias ao redor do mundo através de estratégias político-discursivas de persuasão.

O documentário aponta ainda o caso do Brasil, em que pelo menos 400 mil usuários tiveram seus dados violados na ocasião das eleições presidenciais de 2018. O caso reverberou, inclusive levando consequências jurídicas ao Facebook em vários países. No Brasil, a empresa foi multada no valor de R\$ 6,6 milhões, no final do ano passado, mas a questão pouco repercutiu nos espaços e na própria rede, não gerando um debate mais significativo sobre a questão da privacidade e da gestão dos dados.⁴

³ The Great Hack. Direção de Karim Amer e Jehane Noujaim. Estados Unidos: Netflix, 2019 (139 min).

⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/12/30/ministerio-da-justica-multa-facebook-em-r-66-milhoes-em-apuracao-sobre-compartilhamento-de-dados.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Nos últimos anos, também foram realizadas muitas pesquisas em torno da saúde mental quanto ao uso do *Facebook*. Numa delas, Kramer, Guillory e Hancock (2014) avaliaram o contágio social, a transmissão de emoções entre as pessoas. Depois da análise e manipulação da *timeline* de mais 689 mil pacientes, eles concluíram que, quanto menos expressões positivas em seu *feed*, maior a tendência de produzir *posts* menos positivos e mais negativos, tendo assim observado também um padrão em sentido oposto.

Em outra pesquisa, Shakya e Christakis (2017) avaliaram o uso da mídia social e o comprometimento do bem-estar. Os pesquisadores apontam que, quanto mais as pessoas utilizam o Facebook, mais infelizes elas ficam e que as interações face a face têm efeito oposto, aumentando o bem-estar. Esse fato vai ao encontro de interesses questionáveis com o lançamento dos botões de reações, em fevereiro de 2016. Antes, os usuários poderiam apenas curtir o conteúdo que lhes interessava, agora é possível expressar suas emoções sobre os conteúdos da rede por meio de *emoticons*, que significam “haha” (riso), “amei” (amor), “uau” (surpresa/espanto), “choro” (triste) e “grr” (nervoso/ódio). A aplicação dessa novidade trouxe uma mudança relevante no algoritmo que seleciona a importância do conteúdo gerado pelos seus amigos, páginas e comunidades que você segue para aparecerem no seu *feed* de notícias. Além de indicar uma estratégia de venda de anúncios, essa atividade do *Facebook* também aponta para uma manipulação de sentimentos, o que acende um alerta para a alta atividade de vigilância gerada pela plataforma.

Esses vários escândalos de venda de dados pelos sites de redes sociais nos levam a refletir em que medida o consentimento de liberação de dados por parte dos usuários pode permitir que eles sejam compartilhados com empresas e influenciar o consumo às opiniões políticas? Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) observam que as estratégias empregadas pelas empresas na internet são sempre de redução da liberdade em favor de sua mercantilização e acumulação de capital através das informações coletadas. Assim, para entendermos a sociedade atual é necessária uma compreensão contextual de uma conjuntura dos eixos econômicos, culturais, políticos e sociais, sendo fundamental pensarmos no contexto de uma sociedade em rede, conforme propõe Manuel Castells (2003, 2017). Para o sociólogo, as redes digitais não devem ser pensadas como um fator de alienação, mas sim como o tecido de nossas vidas, que se ligam pela cultura e pelo

idioma numa conexão global. A sociedade em rede está fundamentada em uma “disjunção sistêmica entre o global e o local para a maioria dos indivíduos e grupos sociais”, acarretando desafios sociais e econômicos com o protagonismo da comunicação (CASTELLS, 2003, 2017).

Apesar de todo o contexto desfavorável, as mídias sociais se configuram como um espaço já consagrado de ação política, mas é preciso estar atento às suas limitações. Como uma mídia, o Facebook tem os seus interesses e ainda padece das regulações necessárias, uma vez que as decisões arbitrárias vêm tomando maiores proporções na sociedade. Neste sentido, é importante pensar nos processos de ensino-aprendizagem imbuídos nos processos comunicativos das mídias sociais. A atenção do usuário e a disputa de narrativas pelos movimentos sociais são elementos fundamentais para equilibrar o debate público em favor de pautas emancipatórias.

Manuel Castells (2017) reforça que as tecnologias de comunicação não estão na raiz dos movimentos sociais, mas sim que “surgem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos de pessoas resultantes de sua experiência multidimensional.” (p. 198-199). Acrescenta-se a isso a importância do caráter educativo resultante da ação política e cidadã nos movimentos sociais para pensarmos a mudança política e social, como nos chama a atenção Maria da Glória Gohn (2003, 2011).

Diante disso, observamos que existem mudanças fundamentais nos novos movimentos sociais e políticos (GOHN, 2011), que emergem em suas lutas fundados na indignação de uma coletividade fragmentada e descentralizada transitando entre *online* e *offline*. Através da cultura de autonomia disseminada nas mídias sociais, o *Facebook* surge como plataforma potencial para se expor os posicionamentos políticos e dialogar com ações de comunicação e de mobilização, através de *hashtags*, personalização de perfis, memes e viriais multimídia.

Corroborando com essa questão, Fabio Malini e Henrique Antoun (2013, p. 133-134) destacam que a organização do ciberespaço não se dá em massas, mas sim em multidões reunidas conforme as comunidades virtuais e na forma de redes, buscando dissolver as relações de soberania. Não têm o aspecto homogêneo do povo, mas de pequenos grupos que se multiplicam, se diversificam constantemente, que são auto-

organizados e participativos. Essa mudança é o terreno fértil para a coordenação de ações coletivas nas redes.

Dessa forma, estamos diante de novos movimentos sociais, os quais Castells (2017) nomeia de movimentos sociais em rede, nesta cultura que disputa espaço em relação às questões econômicas e contestam os poderes e imperialismos globais. Apesar de Castells (2016, 2017) observar de maneira crítica o poder das empresas de internet, cada vez mais concentrado, ele aponta as várias frentes de resistências ao redor do mundo, entendendo que a rede é um eterno território de luta por liberdade.

Ocupar as redes e mobilizar a defesa da Universidade Pública

A luta pela liberdade é o que motiva a ação de movimentos sociais em rede. Liberdade que, conforme Freire (1967), não é concedida, mas se dá na relação com o outro, pelo diálogo, da interação construtiva e libertadora, ou seja, está em constante disputa pelas redes de autonomia comunicativa. A estratégia de ocupação das redes é a maneira pela qual os movimentos sociais podem dialogar com seus conhecimentos e trazer às arenas sociais suas pautas de reivindicação.

Essas disputas constituem o que Daniel Cefaï (2011, 2017a, 2017b) chama de arenas públicas, que são experiências coletivas de construção de políticas públicas e de experiências democráticas, que podem ser um tanto conflituosas, mas fazem parte do processo político quando se constrói novas possibilidades de um mundo comum e justo. Para o sociólogo, “[...] os problemas públicos são **movimentos sociais** cujos membros reconstróem fatos, lançam-se em investigações, analisam dados oficiais, buscam elementos de comparação, testam hipóteses e agem em consequência.” (CEFAÏ, 2017a, p. 131)

Os problemas sociais se tornam problemas públicos quando são alvo de um trabalho coletivo de reflexão e discussão, ao serem publicizados e irem além das pessoas diretamente afetadas, ao se formarem de maneira autônoma, e quando interpelam os poderes públicos para a solução dos problemas. Conforme os problemas são apresentados enquanto uma realidade social, sua publicização adota uma retórica de dramatização, de cenas públicas, em que vão trazer mais públicos afetados, instituições, associações,

especialistas que corroborem ou concorram para os conflitos e disputas que vão gerar ações públicas a partir da arena pública constituída.

Essa publicização dos movimentos sociais em rede é disseminada principalmente por meio das *hashtags*, que são sempre iniciadas com o símbolo “#” e cumprem um papel primordial na organização, localização e busca de assuntos que ocupam os sites de redes sociais, conforme Malini e Antoun (2013). A própria grafia de #UERJResiste, apresentada na Figura 2, utilizada em todos os materiais do movimento na internet e nas ruas, revela uma intenção de se constituir enquanto uma ação que se propaga e gera engajamento num movimento simbiótico entre internet e as ruas, tal como as ocupações.

Figura 2 – Imagens utilizadas no perfil da página #UERJResiste



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

O pragmatista Daniel Cefaï (2011, 2017a, 2017b) não faz uma relação direta, na literatura consultada, entre as arenas públicas e as redes sociais na internet, passando apenas pelos fóruns de deliberação e participação democrática instituídos pelos governos. Porém, observamos que as redes sociais na internet têm assumido um papel fundamental de participação social e democrática. Por isso, têm ganhado força e presença dos movimentos sociais, que têm a possibilidade de gerar suas arenas públicas e, inclusive, influenciar os debates públicos em outras esferas sociais. Sendo assim, entendemos que #UERJResiste passa a ser uma arena pública que debate a autonomia e as formas de financiamento da Universidade, pois não se limita à atuação da página do *Facebook*, mas afeta e mobiliza pessoas, instituições e dinâmicas cívicas nesse processo reflexivo de solução do problema público que ela apresenta.

O professor Ricardo Lodi Ribeiro (2019), atual reitor da Uerj, caracterizou a situação política atual como uma guerra cultural contra a Universidade Pública. Ele explica que a autonomia proposta se desdobra em três facetas: didática-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, indicando que essa autonomia não pode estar à mercê de uma política de governo, pois a Universidade brasileira é uma das cinco entidades autônomas, conforme assegura a Constituição. Ao concluir, Ribeiro afirma que é possível vislumbrar um horizonte de autonomia para as Universidades, que não se resume no repasse financeiro dos duodécimos, somente quando houver a construção de seus orçamentos de maneira própria reunindo os interesses da comunidade acadêmica e da sociedade.

As lutas dos movimentos sociais da Uerj contra os abusos do Estado se intensificaram no ano em que a cidade foi sede dos Jogos Olímpicos, em 2016. Servidores, alunos e terceirizados padeceram por mais de três meses sem receberem seus salários e bolsas e, quando recebiam, o pagamento era feito em parcelas ao longo do ano, em conta-gotas. Naquele ano, durante a posse do reitor Ruy Garcia Marques, em janeiro, o governador Luiz Fernando Pezão anunciou que “as Universidades Públicas brasileiras precisam urgentemente organizar suas ferramentas de gestão. Aprimorar seus modelos de governança e encontrar novas formas de financiamento”⁵.

Nesse contexto surge a página #UERJResiste, que foi criada em 28 de janeiro de 2016 e atualmente conta com mais de 68 mil seguidores.⁶ A criação da página se deu pelo Conselho Diretor da Associação de Docentes da Uerj (Asduerj) objetivando dar visibilidade ao movimento de resistência da Universidade com um discurso unificado frente aos problemas impostos pelo Estado e a ameaça iminente de privatização, como um reflexo das pautas da associação sindical. A página assume um regime de publicização vinculada à Associação Docente da Uerj (Asduerj), que se mostra através de uma diferente performance pública, pois cria-se um novo caráter institucional, até mesmo dentro de uma nova dinâmica de organização que não está diretamente ligada à instituição sindical. Daniel Cefai (2011) caracteriza essas “fachadas” como uma estratégia de

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/uerj-tera-orcamento-2-menor-que-executado-em-2015-diz-novo-reitor-18456326>. Acesso em: 14 jun. 2020.

⁶ Dados conferidos em 11 jun. 2020.

publicização, que compõe essas várias formas de mobilização coletiva de uma arena pública.

Importante destacar que #UERJResiste também está presente no *Twitter* e no *Instagram*, além de possuir um domínio de site www.uerjresiste.com, que são mantidos pelos seus membros. Numa comparação com outras páginas relacionadas à Universidade, conseguimos perceber um alcance expressivo em termos de número de seguidores da página de #UERJResiste. Por exemplo, a página oficial da UERJ conta atualmente com 99 mil seguidores; UERJ da Depressão, com 100 mil; Asduerj, com 21 mil; e DCE-UERJ, com 20 mil.⁷ Importante destacar que durante o período estudado, o ano de 2017, as demais páginas tinham números inferiores aos consultados, inclusive a página oficial, que passou a ter uma frequência de postagem maior a partir do referido ano. Nessa dinâmica conectiva, também foi possível ao usuário do *Facebook* manifestar seu apoio por meio da aplicação da marca da campanha de #UERJResiste à sua foto de perfil. Em consulta ao site *Twibbon*, verificamos que o uso dessa personalização contou com 5.180 apoios⁸.

Narrar a resistência: uma etnografia de #UERJResiste

Como a pesquisa transcorreu em período posterior ao recorte temporal adotado, utilizamos o *Netvizz*, que é uma ferramenta desenvolvida no contexto do *Digital Methods Initiative* (DMI) pelo pesquisador Bernard Rieder. Com apoio do *Netvizz*, extraímos uma planilha das postagens realizadas pela página #UERJResiste, contendo data, texto postado, link das imagens e o link direto da postagem, além dos dados estatísticos das reações, comentários e compartilhamentos. A partir daí, analisamos todas as postagens manualmente, acessando *link* por *link*, desde 1º de janeiro a 09 de abril de 2017, totalizando 266 postagens, sendo 194 fotos e 72 vídeos. O recorte temporal da pesquisa corresponde ao período em que a Uerj ficou fechada em função da falta e/ou atraso de verbas para pagamento dos serviços de manutenção por parte do governo do estado. Fechamos nosso recorte temporal no dia 9 de abril de 2017, pois marca o dia anterior ao

⁷ Dados conferidos em 14 jun. 2020.

⁸ Disponível em: https://twibbon.com/Support/uerjresiste-3?fbclid=IwAR0EslTcCQjAmVswOIPeKyCOnewWms_LDKgOkdvnkwrUtyZ6RFkJnKdcZfo. Acesso em: 14 jun. 2020.

anúncio de retorno às atividades da Universidade. A data final também se destaca por uma postagem do vídeo do ator Mateus Solano, que foi disparadamente o *post* de maior repercussão numérica do ano na página do movimento no Facebook.

Visando construir uma descrição etnográfica da página #UERJResiste, seguimos então a definição proposta pelo antropólogo François Laplantine de que “[...] a descrição etnográfica é a realidade social apreendida a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade.” (LAPLANTINE, 2014, p. 31). Neste sentido, quando entendemos o ambiente digital como um campo empírico, observamos implicações em rede que conectam não apenas os assuntos e os conteúdos abordados dentro da Internet, mas, também, em certa medida, a extrapolação para o mundo físico, gerando polêmicas e controvérsias, o que expande o alcance discursivo e midiático do assunto, tratando-o na esfera da ação política. Essa descrição toma corpo como narração, que envolve objetos, participantes e pesquisador numa relação ativa.

A partir desta perspectiva, entendemos que esta pesquisa percorre um dos caminhos definidos por Laura Graziela Gomes e Débora Leitão (2017), como *etnografia-stalker*, ou o que as pesquisadoras Suely Fragozo, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011) adotam como perspectiva *lurking*, em que o pesquisador observa e vai percorrendo o fluxo das socialidades sem que para isso se identifique aos pesquisados. O pesquisador observador atento às movimentações vai rastreando os espaços e viajando, enquanto usuário da própria rede, por onde sua curiosidade vai levar (GOMES; LEITÃO, 2017, p. 54).

Num primeiro momento, analisamos e codificamos cada postagem, enquadrando-as em alguma categoria, quando emergiram mais de dez categorias, provenientes de determinados padrões e similaridades. Em um segundo momento, ao analisar mais profundamente o material, buscando traduzi-lo de maneira mais objetiva e completa, reagrupamos cada tipo de postagem chegando a quatro categorias. Cada categoria foi nomeada segundo as características das suas postagens, num processo de reflexão e diálogo constante, em que foram intituladas como Políticas Midiáticas, Discursos do Resistir, Partilhas Educativas e Poéticas da Identidade. Veremos a seguir as características e exemplos de *posts* de cada categoria.

Essa divisão em categorias não pretende se esgotar e nem aprisionar cada postagem em apenas uma delas, pois muitos *posts* podem ser encaixados em mais de uma categoria. Importante destacar o fato de que todas as postagens analisadas continham imagens, mesmo sendo *prints* de textos, uma vez que a plataforma do Facebook privilegia a exposição de imagens a textos nas *timelines*, o que se trata de uma estratégia importante.

Políticas Midiáticas

Composta pelas notícias e matérias republicadas pela página com origem na mídia hegemônica – tal como jornais, revistas e telejornais – as postagens reagrupadas nessa categoria divulgam vídeos e fotos de eventos organizados pela própria página ou por terceiros, além de informes e convocações para os mais variados eventos e mobilizações. O termo “políticas”, integrado ao nome desta categoria abrange múltiplos significados, podendo ser entendido como normas ou condutas, bem como os relacionamentos com o agenciamento midiático e a mobilização. A nomeação dessa categoria parte do entendimento de que a página se coloca enquanto uma mídia dentro de uma mídia social. Por isso, a maior parcela das postagens versa sobre a divulgação dos eventos de mobilização, dos quais contabilizamos 24 eventos no período analisado, sendo eles próprios específicos da Uerj, unificados com servidores estaduais e de causas externas.

Tudo o que se pode inserir num contexto de divulgação, no sentido de informar sem necessariamente querer persuadir e sem apresentar um uso emotivo de linguagem, está contido nessa classificação. Os conteúdos mais emotivos, mais persuasivos, que implicam numa dramaturgia pública e que chamam a uma participação, apoio direto ou ação efetiva à causa se ajustam melhor na categoria Discursos do Resistir.

A figura 3 (abaixo) representa um dos tipos de postagem mais populares na página que comenta as decisões do Fórum de Diretores. Muitos dos comentários nessa postagem se referiam a pessoas marcando amigos da rede social para que vissem a notícia e se atualizassem sobre o funcionamento da Universidade.

Figura 3 – Divulgação sobre o Fórum de Diretores



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 4 – Sub-reitora fala no programa Sem Censura

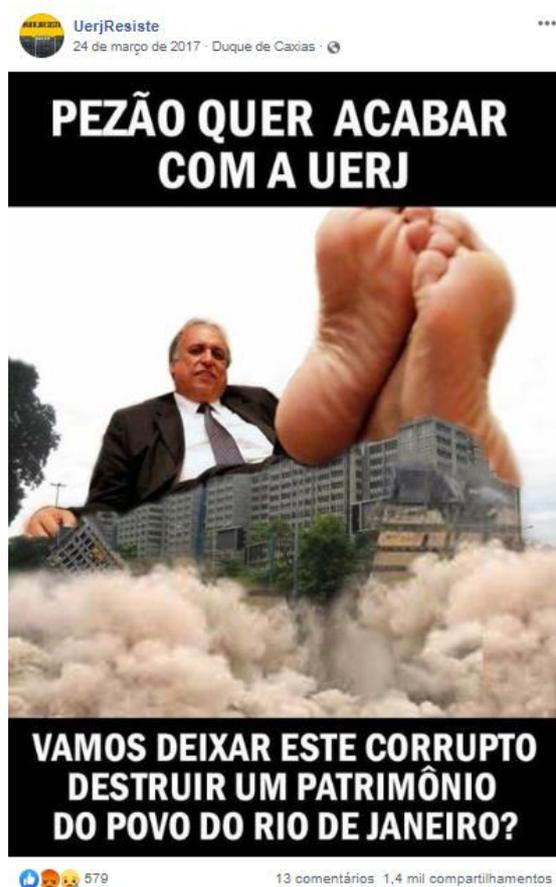


Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Na Figura 4 (acima), a postagem apresenta a participação da professora Tânia Carvalho Neto, sub-reitora de Graduação, no Programa Sem Censura, da TV Brasil, transmitido em 31 de janeiro de 2017, que versava sobre o tema “Volta às Aulas”. A sub-reitora reforçou um novo adiamento do retorno às atividades da Uerj, sem uma previsão clara e definitiva, pois não havia uma sinalização do Estado em resolver a situação do pagamento dos servidores.

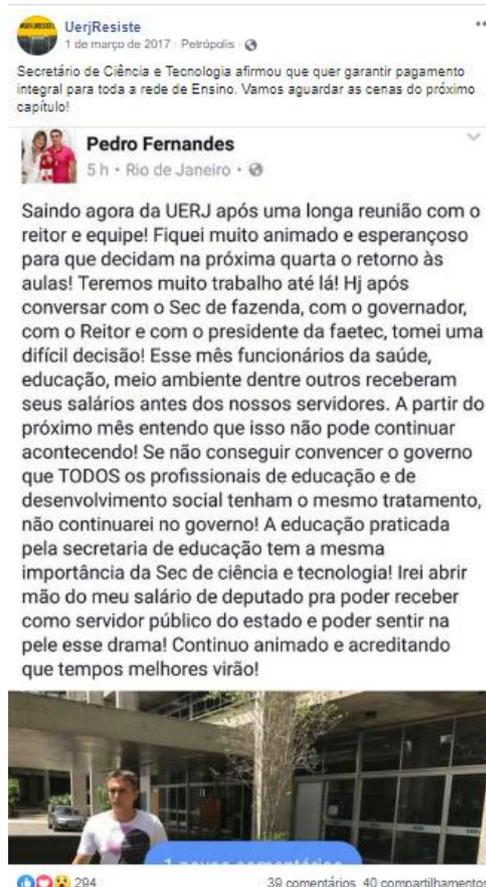
Ainda nessa categoria, para além dos eventos de mobilização nas ruas e das manifestações artísticas e culturais, algumas postagens tinham uma vertente política mais afrontosa, uma vez que surgiam muitos pronunciamentos de políticos em ataque à Universidade, o que corroborava para uma desinformação da população sobre a real situação da Uerj, conforme as Figuras 5 e 6.

Figura 5 - Convocação/Provocação ao Governador



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 6 - Secretário de Ciência e Tecnologia



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

A reação das pessoas à publicação contendo a postagem do secretário (Figura 6) foi positiva: das 294 reações, 266 foram de curtidas. Mas dentro dos comentários muitos questionavam as intenções do político, e outros tentavam mobilizar uma ação na internet através de comentários de “SOS UERJ” na página do secretário.

A relação com o governador do Estado é das mais conflituosas. Em 27 de janeiro de 2017, em entrevista à rádio CBN⁹, o governador criticou a direção da Uerj ao dizer que ela se escudava na autonomia universitária para não debater os números do

⁹ Disponível em <http://m.cbn.globoradio.globo.com/programas/cbn-total/2017/01/27/UERJ-NAO-FEZ-CONTENCOES-DE-DESPESAS-DIZ-LUIZ-FERNANDO-PEZAO.htm?fbclid=IwAR06EPtP8mHif10sRLH5C4GbhF2ILSxqYQ7sUyJd-akmuUqqFdoz6wLI8yk>. Acesso em: 23 jan. 2020.

orçamento. Em 24 de março de 2017, vieram a público através dos jornais os planos do governador de cortar em 30% o salário dos professores da Uerj caso não retomassem as aulas.¹⁰ A Uerj buscou os aparatos jurídicos para se defender das ingerências do governo do Estado, sendo concedido pela Justiça do Rio um mandado de segurança impedindo qualquer corte salarial. Durante todo o período de crise houve uma judicialização dos processos e muita luta na rua, na ALERJ e no Ministério Público. Os movimentos também buscaram apoio no Congresso Nacional e no STF¹¹.

Discursos do Resistir

Nessa categoria estão incluídas as postagens que remetem diretamente às ações de resistência política, tais como as moções e declarações de apoio, campanhas e críticas às questões sócio-políticas, bem como as manifestações de apoio às lutas de outras instituições. Todas as postagens corroboram e disseminam o discurso da resistência. Poderia se considerar que todas as postagens são, de alguma forma, um discurso de resistência, por tratar-se de uma página chamada #UERJResiste. Porém, nem todas as postagens têm essa intencionalidade, num tom emotivo de linguagem. É na função emotiva que diferenciamos esta categoria das demais, conforme já apontado no item anterior quando abordamos as políticas midiáticas.

Esta categoria emerge com um volume maior de conteúdos próprios, principalmente em vídeos, que demonstram apoio de artistas e professores. Entendemos que nesta categoria prevalece uma construção discursiva de apoio ao movimento, que legitima e reforça a luta perante os seguidores e o público em geral que visualiza a página e que pode, assim, melhor dimensionar a importância do movimento e da causa defendida. Essa resistência também é calcada numa identidade coletiva e num apelo à opinião pública. Nesse campo, o que mais nos chamou atenção foi a ligação da Universidade com a cultura popular através do samba, estreitando ainda mais a sua intimidade com a favela da Mangueira. Além dessa ligação, o período analisado compreende o período do

¹⁰ Notícia disponível em https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-03-24/peza-decide-cortar-em-30-os-salarios-de-servidores-da-uerj.html. Acesso em: 22 jan. 2020.

¹¹ Disponível em https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uerj-vai-recorrer-ao-stf-autonomia-financiera-para-obrigar-rj-a-repassar-verba.ghtml?fbclid=IwAR2pwFpZ-IMN0OwWcTX5OJgg_9HHnBP-tgojRNyBzL-Qo0U_4tGPOxfec6g. Acesso em: 23 jan. 2020.

carneval, momento em que a mobilização virou festa e a tristeza deu espaço temporariamente à alegria. Nesse contexto semântico, o samba é também entendido como uma ação política, pois foi durante muito tempo marginalizado e criminalizado por ser uma produção cultural afro-brasileira, por cantar a dor e a tristeza dessa “vida marginal”, mas que se transforma em prazer e alegria na ponta dos pés não apenas no carnaval, mas ao longo da vida cotidiana. Ele é o verdadeiro motor da vida cotidiana nas favelas e periferias do Rio de Janeiro e expressa sua resistência cultural junto à Uerj.

Na Figura 7, vê-se o vídeo do sambista Aluísio Machado, figura recorrente nas mobilizações em defesa da Universidade. Também foram postados apoios de professores, artistas, atores, cantores, deputados entre outros. Em 09 de abril, um dia antes do retorno das aulas na Uerj, a página publicou um vídeo do ator Mateus Solano (figura 8), destacando a importância da Universidade e chamando a população a apoiá-la. No vídeo, o ator da Rede Globo, consagrado em diversas novelas do horário nobre, diz em um trecho da sua fala:

@UERJResiste: [...] A UERJ é um símbolo de esperança, esperança de que a vida pode ser melhor pela Educação, esperança de que todos podem chegar à Universidade. Mas parece que o Governo do Estado e o Governo Federal não sabem disso. Estão tentando sufocar a UERJ. Calar a sua fala, matá-la. Mas a Uerj não morreu. A Uerj resiste, está viva e conta com o seu apoio. Você também pode fazer parte dessa luta. Participe, divulgue. Lute conosco (UERJRESISTE, 2016, 09/04/2017).

Figura 7 - Vídeo do Sambista Aluísio Machado



Figura 8 - Vídeo do Ator Mateus Solano



O vídeo de Mateus Solano teve mais de 79 mil compartilhamentos e mais de 2,4 milhões de visualizações, sendo a mais visualizada da página.¹² As atividades da Uerj foram retomadas mesmo com pagamentos atrasados de servidores e de funcionários terceirizados, porém com ajustes entre as empresas de limpeza e segurança¹³.

Figura 9 – Moção de Apoio da ANDES

UerjResiste
30 de janeiro de 2017 · 🌐

Instituições Superiores de todo o Brasil representadas na Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior enviam seu apoio à UERJ e conclamam os professores de todo o país a se mobilizarem em prol da instituição.

#UerjResiste

MANIFESTO EM APOIO À UERJ

Situada no estado do Rio de Janeiro, com campi localizados na Região Metropolitana (São Gonçalo e Caxias) e no Interior (Friburgo, Resende, Teresópolis, Petrópolis e Ilha Grande/Angra dos Reis), a **UERJ**, com dois hospitais universitários (HUPE e Clínica Piquet Carneiro) e um Instituto de Aplicação (CAP-UERJ) tem intensa relação com a história e a vida de milhares de pessoas. Foi a primeira Universidade a adotar políticas afirmativas de inclusão social através do regime de cotas, dando oportunidade para inserção no ensino superior de milhares de filh@s de trabalhador@s, atualmente, os cotistas representam 45% das vagas para entrada de estudantes no vestibular.

Já há algum tempo a **UERJ** tem recebido ataques por parte do governo. Desde 2001, os docentes efetivos dessa instituição não recebem reajuste salarial (a defasagem está em mais de 100% do salário) e não existe, até então, dedicação exclusiva dentro do salário base. Os professor@s substitutos trabalham em condições precárias, com salários muito aquém da sua formação, com sucessivos atrasos nos pagamentos e, em alguns casos ocorrendo o não pagamento. Os terceirizados também estão incluídos nesta precariedade, sendo submetidos a trabalho semi-escravo, trabalhando por meses sem receber seus salários.

A partir de 2016, o governo agiu com grande ofensividade, avançando na retirada de direitos dos trabalhador@s da **UERJ** e dos demais funcionários públicos do estado do Rio de Janeiro. Os professor@s concursados tiveram seus salários parcelados e submetidos a atrasos de até três meses, incluindo o décimo terceiro. Somado a isso, o bandedeio da **UERJ** encontra-se fechado, os alunos cotistas não recebem suas bolsas de permanência, o que compromete o caráter inclusivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É preciso lembrar que além da **UERJ**, o governo do Estado do Rio também ameaça de fechamento outras duas universidades públicas: **UEZO** (zona oeste), **UEFF** (Norte Fluminense) e ainda a Fundação de Apoio à Escola Técnica (**FAETEC**). A **FAPERJ** encontra-se em estado de penúria, o que impossibilita o desenvolvimento político, científico, intelectual e cultural do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil.

Acreditamos que a **UERJ** é o laboratório das políticas de ajuste fiscal, no "pacote de maldades", dos governos PMDB neoliberais, para a destruição das Universidades públicas e gratuitas do país. Portanto, a garantia de **permanência e sobrevivência da UERJ** significa agora a **luta por uma educação superior pública, gratuita, inclusiva, popular e socialmente referenciada no Brasil**.

Convocamos a tod@s que participem dessa corrente de solidariedade e de luta para que a **UERJ** resista.

<http://www.souuerj.meuio.org.br/>
<http://www.peticao publica.com.br/peticao.aspx?ic=8896951>
<http://www.acdamerj.org.br/>
<https://www.facebook.com/uerjresiste/>

150 105 compartilhamentos

Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 10 – Moção de Apoio dos Petroleiros

UerjResiste
7 de março de 2017 · 🌐

Petroleiros apoiam a luta da UERJ!

Rio de Janeiro, 05 de março de 2017

A
Sociedade Brasileira e ao Movimento UERJ Resiste

Moção de Apoio

O grupo de base autônomo de trabalhadores petroleiros inimigos do Rei manifesta seu apoio ao Movimento UERJ RESISTE. A Uerj, na qual alguns de nós estudamos e que formou muitos trabalhadores petroleiros, é importante pro ensino, pra pesquisa e pra extensão. Mantê-la funcionando plenamente e melhorá-la, buscando especialmente aprimorar a análise crítica e o compromisso com o povo, é uma necessidade. O governo do estado do Rio de Janeiro utiliza o discurso da crise financeira pra deixar a Uerj sem recursos suficientes. O exagero desse discurso é ridículo. Uma audição com participação popular poderia ajudar a mostrar qual é, em termos mais precisos, a realidade. De qualquer maneira, o governo deveria priorizar a Uerj e outras frentes. Mas não. É mais um agente do aprofundamento aceleradíssimo da privatização e da (re)colonização do Brasil. A venda da Cedeae é outro exemplo disso. Essas ações fazem parte de um movimento mais amplo, que inclui a tecnocratically chamada venda de ativos da Petrobras, acompanhada do reforço da lógica privada dentro da empresa, e percursos semelhantes na Eletrobras, Furnas, FEAETEC, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal, nos Correios e no conjunto da rede de escolas técnicas e universidades públicas. Isso sem falar da privatização e da desnacionalização cada vez maiores de outros recursos, como o ouro, o minério de ferro, o nióbio, o urânio, metais em geral e a água (com risco inclusive pro Aquífero Guarani), a biodiversidade, também terras e a submissão e controle do mercado interno. Em cada um desses espaços e dessas situações, a luta tem especificidades, mas os cenários guardam também muitas semelhanças. Isso só ressalta ainda mais a importância de articularmos essas lutas, pra potencializarmos cada uma, notadamente a partir do apoio mútuo, e pra enfrentarmos melhor a mercantilização da vida.

Compreendendo que o estado do Rio de Janeiro não está fadado e tem condições de se sustentar com os impostos que arrecada, estamos tratando de um golpe pelo Estado mínimo no Brasil em todos os entes federativos, que levará ao retorno da condição de submissão total ao capital estrangeiro, as ações não estão isoladas, elas estão interligadas, com as privatizações da segurança pública, da saúde, da educação, da previdência social...

Defendemos em síntese, a UERJ e reafirmamos "UERJ e Petroleiros juntos em defesa da Educação Pública, pela Autonomia Universitária e por nenhuma Privatização".

Contem com a nossa ajuda na luta pela Uerj, como já temos feito. E também convidamos vocês pra nós ajudarem na luta em torno da Petrobras.

GRUPO DE BASE INIMIGOS DO REI
<https://www.facebook.com/inimigosdo rei petroleiros?ref=ts>

2 comentários 2 compartilhamentos

Fonte: UERJRESISTE, 2016.

¹² Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=703235966467719>. Acesso em: 22 jan. 2020.

¹³ Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/reitor-da-uerj-retoma-aulas-mas-diz-que-nao-ve-solucao-no-curto-prazo.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Nas Figuras 9 e 10 (abaixo), temos duas postagens de moções de apoio de outras instituições, sendo elas, a Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (Andes) e o Grupo de Trabalhadores Petroleiros.

Partilhas Educativas

Compreende as postagens que têm um conteúdo mais reflexivo e pedagógico, mais engajado em esclarecer determinados assuntos, a exemplo da reforma da Previdência, da gratuidade da universidade pública, da função das universidades etc.

Toda publicação e publicização nas mídias sociais é uma forma de partilha, sobretudo as que propõem reflexões e engajamento em ações políticas. Mas nem toda informação se propõe a ser educativa. Por isso entendemos, nessa categoria, a educação como prática da liberdade, segundo Paulo Freire (1967), ou seja, quando a aprendizagem torna-se colaborativa e contínua, sobretudo fundada no diálogo e na mediação dos conhecimentos de mundo de cada indivíduo envolvido no processo educativo, dando espaço de fala e escuta, buscando a comunicação como princípio e não a domesticação. No entanto, as ações empreendidas pela página do movimento no sentido de partilhar conhecimentos são poucos, uma vez que a pauta de discussão em geral é informativa ou já definida dentro de um campo de discussão.

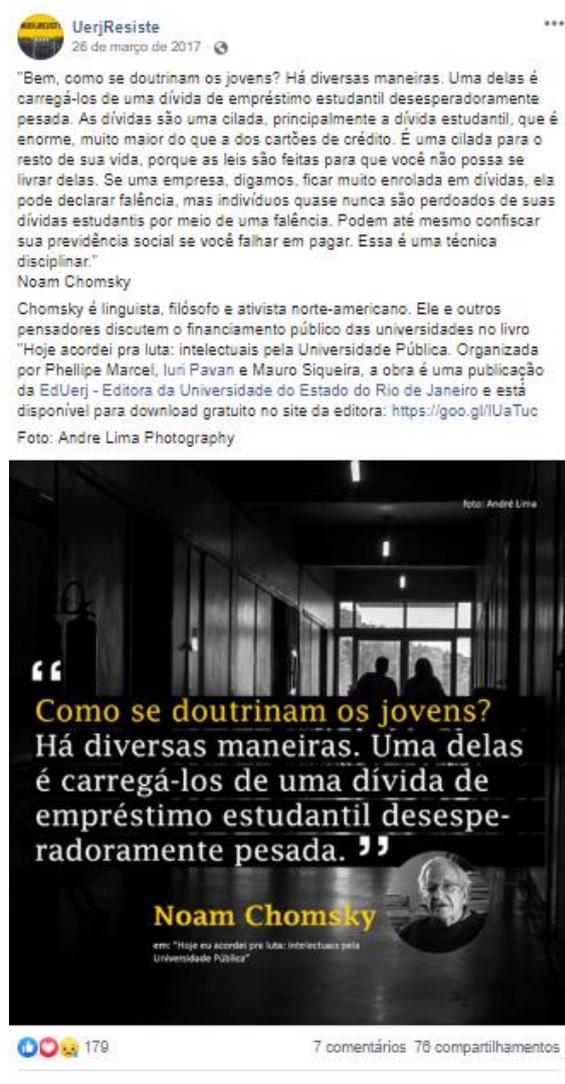
O primeiro *post* que consideramos educativo foi realizado no dia 14 de janeiro de 2017 com título “Por que gratuita?” (Figura 11), em que promove uma reflexão sobre a importância de se ter uma Universidade pública, gratuita e plural. Essa é uma das questões centrais da página, por isso a postagem no momento imediatamente posterior ao seu fechamento temporário, em 10 de janeiro.

Figura 11 – Sobre a luta da Uerj



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 12 – Texto reflexão do livro "Hoje acordei pra luta"



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Na Figura 12 (acima), que apresenta um dos posts de uma sequência de divulgação de reflexões do livro “Hoje eu Acordei pra Luta”, lançado em e-book pela EdUERJ em 2017, também propõe dialogar com os internautas e, à medida que traz conhecimentos novos, enriquece o diálogo na página.

Outra sequência de postagens, que aconteceu entre 17 e 20 de março, trouxe três vídeos que explicam a crise tentando aproximá-la de situações próximas dos cidadãos

numa estratégia de gerar empatia na sociedade pela Uerj. Nomeamos essa sequência de vídeos de “Como o Governo trata a UERJ”, que são mostrados nas Figuras 13 e 14.

Figura 13 – Vídeo "Como o Governo trata a UERJ" - Dona de Casa



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 14 – Vídeo "Como o Governo trata a UERJ" – Taxista



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Os vídeos têm 50 segundos e trazem metáforas que relacionam o Governo do Estado a uma loja, a um taxista e a uma dona de casa. Os protagonistas dos vídeos são representantes da Asduerj. Eles começam sempre convidando o espectador a imaginar uma situação prática do cotidiano, conforme o texto abaixo:

@UERJResiste: Imagina que você trabalha numa loja. O dono da loja não paga fornecedor. O dono da loja não cuida da limpeza nem da segurança da loja. E aí, ele chega à conclusão que é você que deixa a loja cara. Ele então divide o seu salário em 7 vezes, paga com atraso, insistindo que é você que encarece a loja... Perdoa a dívida do vizinho. Uma dívida que daria para pagar o seu salário por muito tempo. Ainda sobre esse argumento que você encarece tudo, ele ainda gasta o dinheiro, que diz que é pouco, numa cervejaria. Pois é assim que o Governo do Estado do Rio de Janeiro trata as universidades públicas do Rio (UERJRESISTE, 2016, transcrição do vídeo de 17/03/2017).

Poéticas da Identidade

Ao verificar o *corpus* de análise de #UERJResiste, identificamos que os primeiros dias do ano foram marcados por uma mobilização dos internautas em torno da produção de uma identidade coletiva por meio do uso da hashtag #SouUERJ. As poéticas têm um sentido de construção narrativa do fazer poético abordado em Aristóteles (2008). Elas partem das experiências individuais, pessoais e íntimas, que desvelam sentimentos

para expor uma relação que se faz no coletivo, expondo a natureza do movimento social em rede e compondo a dramaticidade das cenas públicas produzidas.

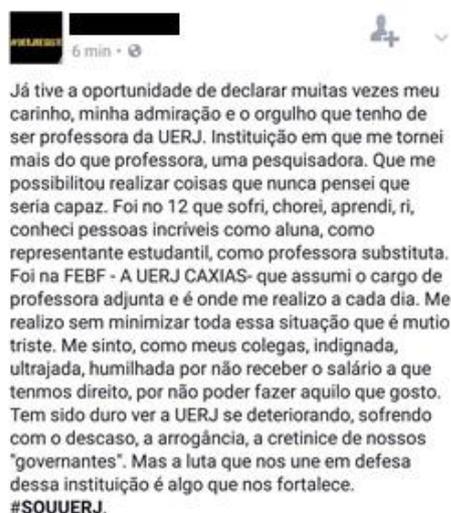
Através dessa ação, foram compartilhadas pela página #UERJResiste 20 postagens referentes ao tema, todas no mês de janeiro de 2017. Elas se configuram enquanto uma possibilidade de construção de uma identidade coletiva para o movimento e de uma identidade uerjiana¹⁴, relativa ao reconhecimento de um pertencimento à Uerj. Ela teve seu funcionamento de maneira orgânica e autônoma entre os usuários do Facebook, conforme vemos nas Figuras 15, 16, 17 e 18.

Figura 15 - Depoimento #SOUUERJ



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 16 - Depoimento #SOUUERJ



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

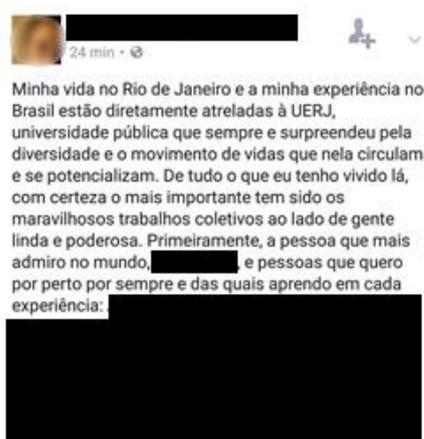
¹⁴ Gentílico adotado pela comunidade universitária.

Figura 17 - Depoimento #SOUUERJ



Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Figura 18 - Depoimento #SOUUERJ



#uerjresiste #SouUerj
Fonte: UERJRESISTE, 2016.

Professores, funcionários, alunos e ex-alunos, além de membros da sociedade como universitários de outras instituições, se manifestaram para contar suas histórias e sua relação com a Uerj, indicando, assim, sua identificação com a Universidade. Num contexto geral de análise desses personagens em destaque já comentados, podemos sintetizar a produção de algumas características que perpassam todos os textos. Desta forma, entendemos aqui que essa síntese nos proporciona algumas pistas para a formação de uma identidade do movimento #UERJResiste. Extraímos, então, desses textos algumas características para formatação de uma identidade: resistente, comunitária, relacional, afetiva, notável, periférica, de luta, potente, unida.

Considerações Finais

A atual situação política do país continua colocando em risco o financiamento público e a autonomia das universidades. Nos últimos anos, a Universidade Pública passou de protagonista à vilã do desenvolvimento do Brasil. Ao longo dos governos presididos pelo Partido dos Trabalhadores (PT), foram ampliados *campi*, inauguradas universidades nos centros urbanos e no interior do Brasil e, além disso, com a política de reserva de vagas, vimos crescer a diversidade racial e de classe nos bancos universitários. Porém, diante do avanço do neoconservadorismo com o governo eleito em 2018, a Universidade Pública se transformou na principal vilã, bem como opositora ao fascismo

crecente. Mas ela acabou por ser o terreno ideológico para contrapor os valores da família, da religião e dos bons costumes, descreditando seu valor científico e sua potência e importância no desenvolvimento do país.

Todas essas ameaças e violências que atingem todas as comunidades acadêmicas incluíram o Brasil, no ano de 2019, pela primeira vez, no mapa da associação *Scholars at Risk (SAR)*, que é uma rede internacional de instituições acadêmicas que monitora e denuncia ataques às universidades ao redor do mundo por meio do relatório *Free to Think*¹⁵.

Por outro lado, é preciso admitir que existam ressalvas à estrutura e à forma como se colocam as universidades dentro de um sistema meritocrático e elitista em uma sociedade marcada por desigualdades sociais profundas. Precisamos pensar na universidade autônoma como um espaço mais inclusivo, mais plural, mais aberto, logo mais democrático e que promova mais cidadania. Uma universidade forte e que também fortaleça a luta das minorias tão negligenciadas pelo Estado e que não perpetue o privilégio de poucos. Esse é um ponto muito sensível e que é usado pelos atores políticos antagônicos para tornar relevante a proposta de privatização do Ensino Superior.

Quanto às formas de publicização desse debate, nos perguntamos ainda: Como aprofundar esses temas importantes para a sociedade sem a manipulação de escolhas políticas tal como acontece no Facebook? Podemos confiar nas redes sociais enquanto uma nova esfera pública, de comunicação horizontal e livre? Estas são algumas questões para as quais não temos respostas muito positivas e nem definitivas, mas que apontam caminhos interessantes em novos estudos para os movimentos sociais em rede.

Avaliamos que a atuação de #UERJResiste foi muito bem-sucedida, na medida em que todos os pleitos dos docentes foram atendidos, em certa medida, mesmo que tenha demorado um longo período, por mais de três meses. Inclusive, a proposta de autonomia financeira da Uerj e de recebimento de duodécimos mensais também foi aprovada, passando a valer a partir deste ano, de maneira paulatina. A estratégia de manter uma página dita apartidária, sem identificar se é feita por um sindicato ou pela universidade,

¹⁵Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2020/01/20/ataques-a-academia-ameacam-todos-nos.htm>. Acesso em: 14 jun. 2020.

mantém certa independência em seu posicionamento e ganha credibilidade fundamental com a imprensa. Aliada à estratégia de expansão da *hashtag* foi criado um verdadeiro mosaico que coloca a resistência da universidade pública como tema favorável para debate nos meios de comunicação tradicionais.

Entendemos que a estratégia de buscar adesão das mídias hegemônicas pode potencializar a comunicação dos movimentos sociais, pois elas ainda detêm grande parte da audiência e gozam de credibilidade na informação. A comunicação pelas mídias sociais por si só pode mobilizar as pessoas, mas entendemos que a mobilização sempre toma um vulto maior com a adesão dos meios de comunicação de massa. É importante, nesse sentido, refletir sobre o papel que as mídias de massa desempenham hoje e como os movimentos sociais podem influenciar na construção de novas narrativas críticas nessas mídias de massa.

Nessa guerra cultural instaurada, a Uerj foi uma espécie de laboratório para fascistas e neoliberais verem cumpridos o desmonte das universidades públicas brasileiras. Diante dos vários discursos de privatização da Educação Pública e de ódio à ciência, entendemos que a defesa da Universidade Pública é elemento fundamental para o desenvolvimento social, tecnológico e econômico, a soberania nacional, a inclusão social e a diminuição das desigualdades sociais, para a melhoria das condições sociais de maneira geral e aprimoramento da própria democracia. Por isso, torna-se cada vez mais fundamental que estudos sobre movimentos como #UERJResiste sejam trazidos ao protagonismo como narrativas importantes a serem divulgadas, refletidas e discutidas para que continuemos a resistir.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e de esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CEFAÏ, Daniel et al. (org.). **Arenas Públicas**: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EdUFF, 2011.

CEFAÏ, Daniel. **Públicos, problemas públicos, arenas públicas...** O que nos ensina o pragmatismo (parte I). Tradução Rosa Freire D'Aguiar. *Novos estud. CEBRAP* [online], São Paulo, v. 36, n.1, p.187-213, Out. 2017a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/v36n1/1980-5403-nec-36-01-187.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CEFAÏ, Daniel. **Públicos, problemas públicos, arenas públicas...** O que nos ensina o pragmatismo (parte II). Tradução Rosa Freire D'Aguiar. *Novos estud. CEBRAP* [online], São Paulo, v.36, n. 2, p.129-142, Out. 2017b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/v36n2/1980-5403-nec-36-02-129.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, mai-ago, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf> Acessado em: 16 jun. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KRAMER, Adam; GUILLORY, Jamie E.; HANCOCK, Jeffrey T. **Emotional contagion through social networks**. *Proceedings of the National Academy of Sciences Jun 2014*, 111 (24) 8788-8790; DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.1320040111>

LEITÃO, Débora; e GOMES, Laura. **Etnografia em ambientes digitais**: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a546>

LAPLANTINE, François. **A Descrição Etnográfica**. Traduzido por João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REZNIK, Luis et al. **70 anos UERJ: 1950-2019**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

RIBEIRO, Ricardo. **Autonomia Universitária em Tempos de Guerra Cultural**. *Revista da Faculdade de Direito da UERJ*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 1-20, jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/rfd.2019.44010>

SHAKYA, Holly B.; CHRISTAKIS, Nicholas A. **Association of Facebook Use With Compromised Well-Being: A Longitudinal Study**. American Journal of Epidemiology, Volume 185, Issue 3, 1 February 2017, Pages 203–211. DOI: <https://doi.org/10.1093/aje/kww189>

TROPIANO, André. **Narrativas da Resistência**: o movimento social em rede #UERJResiste no Facebook. Orientadora: Profa. Dra. Neiva Vieira da Cunha. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

UERJRESISTE. Página da Comunidade, 2016. Facebook: @Uerjresiste. Disponível em: <http://www.facebook.com/uerjresiste>. Acesso em: 14 mar. 2020.